ESCULTURAL COMO SOMENTE O HUMANO PODE SER: QUANDO O HIPER-REALISMO NOS CONVOCA A PENSAR O CURRÍCULO

Suzana Feldens Schwertner[1]

Imagine-se em um bote, sobre um rio... singrando as margens de águas escuras e profundas, nada cristalinas. Você está nu, cansado, destituído dos remos e parece não ter nada mais a fazer senão resignar. Olha à frente, ao longe, cruza os braços e espera. Agora imagine que está sobre uma boia de piscina, daquelas infláveis e cheia de gomos, óculos de sol, roupa de banho, braços abertos, mãos rasgando a água. Agora guarde essas duas cenas na sua imaginação. Precisaremos delas mais adiante.

Com o objetivo de pensar e imaginar o currículo, propomos, neste escrito, diferentes "conversadores" e "perguntadores" que se põem a produzir diálogos com o currículo que queremos nos espaços de aprendizagem em que vivemos. No caso deste capítulo, a proposta é conduzir, por meio de esculturas produzidas pelo artista australiano Ron Mueck e seus colaboradores, trilhas para provocar ensaios sobre o currículo. Mais especificamente, destacar como algumas das obras do escultor, em exposição, durante os meses de novembro/2014 a fevereiro/2015, na Pinacoteca do Estado de São Paulo, conversam com a proposta de passear pelas teorias de currículo, articulando outras formas de se pensar os currículos nos espaços de ensino e aprendizagem.

A exibição, concebida em 2013, em Paris, na Fondation Cartier (curadoria de Hervé Chandés e Grazia Quaroni), foi inicialmente apresentada na capital francesa e em seguida perambulou por Buenos Aires, Rio de Janeiro e São Paulo – tendo registrado mais de 700 mil pessoas nas três primeiras capitais. Popular e muito comentada, especialmente quando de sua passagem pelo Brasil, foi considerada uma exposição de grande potência e alcance, atingindo todos os públicos. A condição humana é por Mueck destacada, ou hiperdestacada, e é por meio de suas esculturas que pretendo, aqui, estabelecer uma articulação – um diálogo – entre obra de arte e currículo; mais especificamente, entre as esculturas

1 Doutora em Educação - Univates. E-mail: suzifs@univates.br

de Ron Mueck e as teorias de currículo, na proposta de ampliar o pensamento e incrementar as discussões sobre currículo.

Inicialmente, apresento o artista australiano Ron Mueck e as peculiaridades de seu fazer artístico, bem como discuto acerca da imponência e do magnetismo de suas obras. Na sequência, proponho o entendimento de currículo, caminhando ao lado de autores como Tomaz Tadeu da Silva (2009), Alice Casimiro Lopes e Elizabeth Macedo (2011). Uma seleção das peças de Ron Mueck é realizada, no coração deste capítulo, com o intuito de estabelecer discussões sobre o pensar pedagógico e o fazer artístico em meio ao currículo – ou seria o fazer pedagógico e o pensar artístico? Ou isso tudo ao mesmo tempo? As considerações finais buscam abrir ainda mais fendas na busca de responder a essa intrigante questão, apontando sugestões para se pensar os currículos a partir de entrecruzamentos com as obras de arte.

Necessário destacar que este texto parte das interrogações persistentes oriundas da pesquisa "O currículo em espaços escolares e não escolares no Brasil e na Colômbia: diferentes relações com o ensinar e o aprender", vinculado ao Mestrado em Ensino da Univates e ao subprojeto Espaços e movimentos do currículo: entre o escolar/não escolar e o escolarizado/não escolarizado (Edital Universal MCTI/CNPq 14/2013), além das discussões e dos estudos realizados pelo Grupo de Pesquisa Currículo, Espaço, Movimento, do qual faço parte desde 2013 – coincidentemente, ou não, mesmo ano de inauguração da exposição de Ron Mueck, esta a partir da qual iremos articular nosso pensamento.

Histórias do escultor e suas produções – e de meu encontro com elas

Figura 1 - The Boy (1999) – Ron Mueck



Fonte: <http://mundo-e-arte.blogspot.com.br/2014/12/escultura-ron-mueck.html>.

A figura de um menino em proporções volumosas, acocorado, mais parece um gigante, com seus quase três metros de altura. Trata-se de *The Boy* (FIGURA 1), a primeira escultura de Ron Mueck com a qual me deparei, por meio de fotografia, nos idos de 2005. Insidiosa, a imagem me convocava, à época, a repensar a figura da criança, este "serzinho tão ingênuo, doce, infante" que se agigantava e se tornava indomável, impossível, intratável, por meio de inúmeras reclamações provindas dos mais variados espaços: seja da escola, das famílias, das mídias, dos *experts* nas mídias, das ruas. A imagem, que me acompanhou por muitos anos em disciplinas, encontros, palestras, seminários se tornou "escultura" apenas dez anos depois, ao me deparar com a exposição realizada por Mueck na Pinacoteca em São Paulo.

Ron Mueck, australiano, nascido em 1958 na cidade de Melbourne, é conhecido por suas esculturas figurativas desproporcionais que causam estranheza e admiração. Casal de idosos que remetem a um descanso à beira-mar, mulher grávida no momento do nascimento de seu bebê, um rosto imenso que dormita em meio ao nada: trata-se sempre de corpos moldados à mão (MARTÍ, 2014). Com algumas peças que chegam a medir mais de cinco metros de altura, produz também miniaturas que desconcertam por seu realismo em perfeita escala. Sinais, rugas, manchas, veias tornam as esculturas muito mais "humanas": impossível não se assombrar com o realismo que elas nos provocam. Como bem destacou Storr (2014):

> [...] pensem num elenco de personagens totalmente comuns realizados com extremo naturalismo até o mínimo detalhe, exceto pelo fato de serem grandes ou pequenos demais para serem reais [...] como as estátuas de cera ou os cadáveres embalsamados os quais não ousamos tocar apesar de sabermos estarem mortos (p. 19).

Mueck trabalha com peças inteiriças e ocas, cujas matérias-primas são a fibra de vidro, resina, silicone e argila. São esculpidas sem roupas e sem cabelos – tudo começa com um monte de resina que vai sendo moldada com meticulosa paciência. O destaque também é produzido pela iluminação na cor da pele de cada escultura humana: a luz que atravessa as camadas de plástico e é refletida de volta, em nossos olhos; a participação do espectador é fundamental para tornar a escultura algo vivo, intenso e presente: nas esculturas "[...] a representação fidedigna da carne, a insinuação da suavidade da pele, lhes confere uma aparência de absoluta realidade" (VIDIGAL, 2014, p. 11).

Mas o que realmente impressiona é o tamanho gigantesco de algumas das esculturas que se encontraram, em mim, com outro evento que apreciei no idos de 1999; elas se articulam com as belíssimas palavras de José Saramago, em Aula Magna proferida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Na fala emocionante do autor português, transformada em livro por Tânia Carvalhal, a altura de cada um de nós é reverenciada, tal como Mueck a reverencia em suas esculturas gigantes:

> [...] ousei dizer, contra a mais óbvia das evidências, que cada um de nós tem três metros de altura, mas que, ou não sabemos, ou não nos apercebemos, ou simplesmente não acreditamos. E ousei dizer mais: que há algo acima de nós a que poderíamos chegar se o intentássemos. A quem me disser que acima de nós só deus, responderei: 'Não, isso que está acima de nós somos nós próprios'. Chegar a esse outro que não lográramos alcançar, mas que poderíamos tocar com os dedos, é que deveria ser o trabalho da nossa vida. Se não chegamos é porque não imaginamos que já lá estamos, se não chegamos é porque não sabemos que se pode chegar [...] (SARAMAGO apud CARVALHAL, 1999, p. 40-41).

Um pontapé para pensar sobre currículo

Pensar o currículo a partir de entrecruzamentos, tal como proposto por este livro, possibilita ampliar a ideia de currículo para além do suposto reduto de sua definição. O currículo como uma lista, como um rol, como um composto de esquemas, conteúdos e definições preestabelecidos que determinam o que se deve (ou não) saber, aprender, ensinar, ou da seleção daquilo que vale a pena ensinar (LOPES; MACEDO, 2011) está muito aquém do que aqui gostaríamos de definir como currículo. Sabemos do desafio que é responder a uma definição para a pergunta *O que é um currículo?*, e nem seria este aqui o nosso objetivo. Contudo, concordamos com Lopes e Macedo ao priorizar um aspecto em comum em quase todas as definições: "a ideia de organização, prévia ou não, de experiências/situações de aprendizagem realizada por docentes/redes de ensino de forma a levar a cabo um processo educativo" (p. 19). Mas as autoras refletem sobre o "mais-além" dos tipos de currículo com esta visão mais global, que envolveriam o formal, o oculto e o vivido.

Entendendo o currículo como discurso, também o definimos como algo que "[...] constrói a realidade, nos governa, constrange nosso comportamento, projeta nossa identidade, tudo isso produzindo sentidos" (LOPES; MACEDO, 2011, p. 41). Ou seja, o currículo como espaço que também abriga relações de poder, que impulsiona disputas de saber, comprometido com questões sociais e que, neste processo, engendra e produz subjetividades.

A partir dessa noção de currículo, pretendemos, igualmente, pensá-lo por meio das obras de Ron Mueck, tomando-as como intercessoras desse movimento. Pensar, nessa acepção, aproxima-se daquilo que Vasconcellos destacou: "Pensar é romper com a passividade, é sofrer a ação de forças externas que o mobilizem. Pensar é, além disso, interpretar. Dito de outro modo, pensar é explicar, desenvolver, decifrar, traduzir signos" (VASCONCELLOS, 2006, p. 1220). Ainda além e junto com Palamidessi (1998), pensar aqui não se trata de mero procedimento técnico, e sim de "[...] um modo de estar no mundo, um processo vital. Habitar uma linguagem e um conjunto de objetos é estar implicado em um mundo de significações" (p. 35).

É embalada por esse movimento que seguimos a escrita: vital, como a relação que pretendemos estabelecer entre arte, pensamento e currículo, por meio das inspiradas esculturas de Mueck.

Currículo escultural – ou a escultura do currículo

Passemos, então, à parte central deste capítulo. Aqui, não pretendemos nem ousamos analisar as belíssimas esculturas de Mueck; em que não buscamos uma interpretação delas na busca de uma alternativa para responder o que busca um currículo; muito menos, uma ligação unívoca e direta entre obra de arte e currículo. Inventamos, sim, uma articulação, uma conversa frouxa, uma maneira de buscar relações de "avizinhamento" (SCHÉRER, 2009), de aproximação entre aquilo que o conjunto das obras de Ron Mueck (não todas, não em qualquer lugar) nos afeta e o que ele e a partir dele/com ele nos toca pensar o currículo. Buscamos, juntamente com Paz e Diehl (2011), a partir das artes visuais,

> [...] pensar a educação de um ponto de vista em que não existem certezas nem purezas, muito menos códigos a serem decifrados, especialmente a arte contemporânea, pois ela nos convida para um jogo em que as regras não são lineares, mas desdobradas em organizações de relações possíveis ou não de serem estabelecidas. [...] A partir de uma produção artística, imagem ou vivência, cada sujeito pode construir cenas particulares que apresentam a forma individual de recolher os vestígios de determinada experiência (PAZ; DIEHL, 2011, p. 66).

Proponho, assim, um encontro de afetos, experiências e pensamentos. E, como tal, partimos do pressuposto da "eleição": cinco das 13 obras da exposição anteriormente mencionada foram selecionadas; seleção que produz afinação entre afeto e pensamento. Trata-se de levar o leitor a um passeio por essas imagens e, com elas, pensar a partir de/com algumas teorias do currículo. Vale destacar, como recém-comentado, que esse conjunto eleito foi contemplado em um determinado espaço, em um determinado tempo, na companhia de determinadas pessoas, envolta em um momento específico.

Máscara – ou um currículo sonolento

Uma supersestrutura branca, em forma de quadrado, no meio de uma sala vazia, embala o sono de uma máscara humana (FIGURA 2). Rosto masculino em enorme proporção, olhos fechados, boca entreaberta, barba por fazer. Vem-se a saber, na sequência, que se trata do rosto de Ron Mueck, um autorretrato em forma de máscara. Caminha-se em volta dela: é possível perceber a abertura que o rosto convoca, por detrás, ao espectador. Rosto que dormita, que pesa em um de seus lados, que quase ressona em seu profundo descanso. Parece, por minutos, ser possível escutarmos um silencioso ronco.

Figura 2 - MASK II (2002) – Ron Mueck



Fonte: <https://catracalivre.com.br/sp/agenda/barato/ron-mueck-leva-suas-esculturas-hiper-realistas-a-pinacoteca/>.

Ao contrário do assombro que a escultura produz, a máscara nos faz pensar em uma teoria tradicional do currículo. Máscara como aquela que vestimos, que está lá, pronta para ser utilizada, foi por outros produzida e que, muitas vezes, não se encaixa em nossas feições, seja por seu olhar mais fechado, por suas narinas mais abertas, pela boca que impede a comunicação. Na perspectiva tradicional do currículo (em que nomes como Bobbit e Tyler se destacam), a tarefa principal de um especialista neste estudo seria a organização e a padronização: das habilidades, dos conteúdos, da avaliação (SILVA, 2009): "O currículo é simplesmente uma mecânica. [...] não passa de uma atividade burocrática" (p. 24). Como uma máscara pré-elaborada, serve apenas para um encaixe a partir de determinado padrão.

Convidamos o leitor para contemplar The Mask II e pensar em seu estado letárgico: como um rosto que não encanta, que não empolga, que chega a babar pelo canto da boca. Um currículo que não ativa, que não movimenta, que não engendra encontros: que é elaborado, quem sabe, por uma outra entidade, acima e além, que supõe o que se deve e o que se pode aprender. Aqui buscamos a relação com as ditas teorias tradicionais – ou conservadoras – do currículo, como apontado por Silva (2009).

Mas o convite do escultor Mueck nos solicita a abandonar a visão estática, frontal, desta máscara: convoca-nos também a circular por ela e a perceber,

em seu entorno, os espaços vazios. Seria possível, assim, acrescentar outras possibilidades no pré-moldado?

Um jovem casal – ou um currículo que oculta, misterioso

Eis a segunda eleição: um casal jovem, de mãos dadas (FIGURA 3). Um menino de camisa listrada, olhar de veludo; uma menina cabisbaixa, tímida (?). O chinelo da menina nos convoca o olhar, os dois pés estão envolvidos no chinelo cor de rosa. Em pé, a dupla se encontra muito próxima, abdomens e quadris colados um ao outro, lembrando a figura do casal enamorado: aquele para o qual olhamos com ternura e que de longe nos convoca ao "ah..." amoroso. Aquele que tudo parece contemplar, exibir, exaltar... mas que, ao virarmos a curva, a página, o volume, a esquina, nos deparamos com seu extremo oposto: ali onde se lia exibição, leia-se oculto; onde se via exaltação, encontra-se o denegrimento; na contemplação, o mistério; no amor, o ódio.

Figura 3 - Young Couple (2013) – Ron Mueck



Fonte: <http://pazamorelapisdecor.com/2014/04/27/real-em-escalas-ron-mueck/>.

Carinho ou ato violento? Proteção ou repressão? Binômios que nos levam à noção de "currículo oculto", que parece vir para nos mostrar que há um "além", que forças por detrás daquele currículo denotam outras artimanhas, centelhas de armadilhas, um sem-número de ameaças. As primeiras discussões sobre as teorias críticas do currículo foram também envolvidas pelas artimanhas de um currículo oculto pela força das ideologias. Conforme Silva (2009), tiveram seu poder de atração ao destacar uma "preocupação sociológica permanente com os processos 'invisíveis', como os processos que estão ocultos na compreensão comum que temos da vida cotidiana" (p. 80).

Não precisamos, contudo, por essa ótica adentrar: basta entendermos esse currículo naquilo que se propõe. Basta analisarmos a imagem naquilo que nos convoca, tal como sugeriu Michel Foucault (2000, p. 05), pois, "Aparentemente, este lugar é simples. [...] E, no entanto, essa tênue linha de visibilidade envolve, em troca, toda uma rede complexa de incertezas, de trocas e de evasivas".

Figura 4 - Detalhe Young Couple (2013) – Ron Mueck



Fonte: <http://www.artishock.cl/2013/12/17/fundacion-proa-presenta-la-primera-exhibicion-de-ron-mueck-en-sudamerica/>.

Não se trata, pois, de analisar o que está por trás da cortina. De mais próximo, ainda que sem olhar por trás (FIGURA 4), a imagem nos convida a observar com atenção as expressões da jovem moça: ela não se mostra à vontade, ela não parece apaixonada, dá mostras de um desconforto, de um estado de

incomodação por meio da expressão de seu próprio rosto. O jovem tem a cabeça baixa, mas firme: percebemos uma certa força que constrange em seu antebraço. Se dermos a volta na escultura, conferimos o que o encontro do jovem casal sugeria – não há um oculto a ser desvendado, mas, sim, um passo a mais na caminhada em torno da escultura (ou seria do próprio currículo?).

Juventude – ou um currículo que sangra

A partir das Teorias Culturais do Currículo, parece que iniciamos nova viagem que nos permite adentrar possíveis encontros com as vísceras, carne e sangue do que se julgava sem vida, asséptico, "domado". Outros tópicos entram em cena nos espaços de aprendizagem: gênero, raça, cultura, migração. O aspecto cultural do currículo é destacado e passa a gerir também aquilo que hegemonicamente era estruturado. O currículo multiculturalista proposto pelas teorias pós-críticas pode ser aqui articulado. Teorias do currículo que nos convocam a pensar mais além, produzindo articulações entre currículo e narrativa étnica e racial: "É através do vínculo entre conhecimento, identidade e poder que os temas da raça e da etnia ganham seu lugar na teoria curricular" (SILVA, 2009, p. 101).

Figura 5 - Youth (2009) – Ron Mueck



Fonte: <http://bizarrebeyondbelief.com/2012/04/24/ron-mueck/>.

A escultura que aqui realça a "Juventude" (FIGURA 5) é a de um jovem negro que nos mostra seu corte no abdome, por onde o sangue escorre. Sangue que contrasta com sua pele amarronzada e com sua alva camiseta, todos eles com histórias para contar. Trata-se da única pessoa negra "esculturada" nas 13 peças da exposição – é a menor delas também. Estaria Mueck despertando nosso pensamento para o espaço pouco destacado à teoria multicultural?

Os movimentos identitários que marcam o mundo contemporâneo (entre eles, os feministas, indígenas, negros), ainda que passem por momentos de crise na atualidade – e, muitas vezes, sejam marcados eles mesmos por um discurso "essencializador" (LOPES; MACEDO, 2011) –, são importantes para implodir as identidades únicas. Contudo, como realçam Lopes e Macedo (2011), as "[...] identidades são o resultado de um processo de identificação no qual os indivíduos se subjetivam dentro dos discursos culturais" (p. 224), destacando, assim, muito mais o processo do que a fixação em identidades. Dessa forma, essas autoras defendem a necessidade de uma abertura do currículo à diferença, o que solicita "[...] recusar a perspectiva da identidade, rechaçar as fixações que criam as identidades como golpes de força sobre a possibilidade de ampla significação" (p. 227).

À deriva, dentro de um bote: ou um currículo que espreita e que desafia

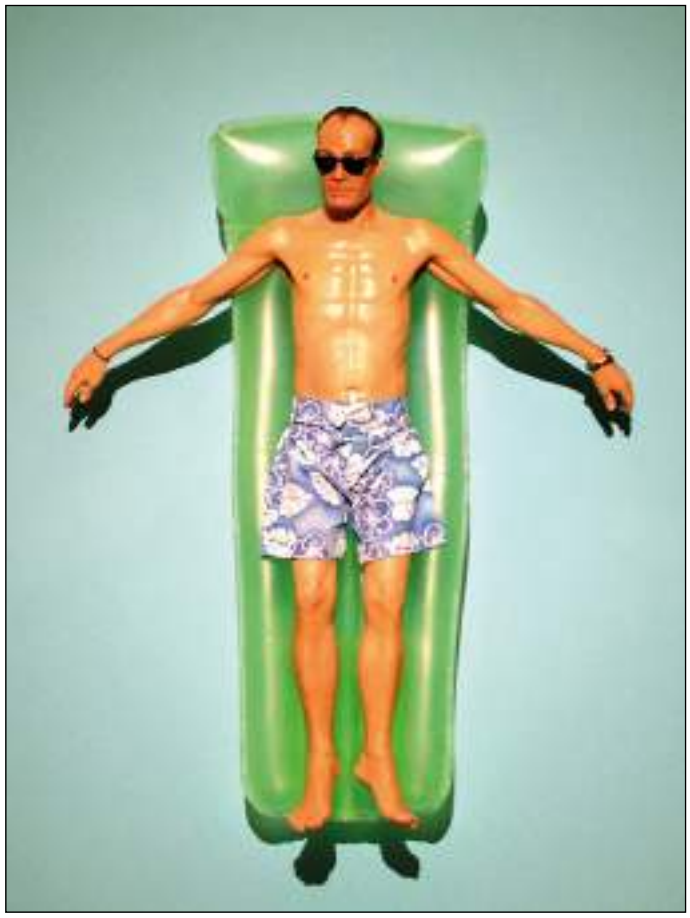
Eis uma eleição que se produziu dupla. Como finalizar esta discussão sobre currículos e arte com apenas uma obra do consagrado artista? Como esboçar uma conclusão a partir de apenas uma escultura? Talvez isso já nos aponte para as durezas e impossibilidades tanto de definir o que é um currículo – como já apontado inicialmente – quanto de finalizar a discussão sobre suas interpelações, intercruzamentos e encontros. Voltemos, então, às duas cenas que abrem este texto e nos convocam à imaginação. Ficaram bem guardadas? Hora de retomar...

Figura 6 - Drift (2009) – Ron Mueck



Fonte: <http://pazamorelapisdecor.com/2014/04/27/real-em-escalas-ron-mueck/>.

Figura 7 - Man in a Boat (2002) – Ron Mueck



Fonte: <http://imageobjecttext.com/2012/05/02/frozen-moments/>.

O currículo cortado pelo desenho de um bote à deriva (FIGURA 6)... ou de uma boia na vertical (FIGURA 7). Um imenso e agigantado; outro, minúsculo e detalhista. Eis as imagens que queremos – seria o currículo que buscamos? Postamo-nos ao lado do homem à deriva (FIGURA 6): o que ele olha, o que contempla, o que espera? Ele busca o horizonte, olha para além e sempre além, ainda que não esteja com um olhar repleto de expectativa; na verdade, parece até mesmo aborrecido. Largou os remos, cruzou os braços, mas não abandonou o barco. E mais: seu olhar possui um brilho que surpreende e nos convida a seguir. Olhamos com ele, buscamos com ele sempre o "a mais" que o currículo nos convoca. Tal como Lopes e Macedo (2011), parece nos ativar ao "[...] movimento de criação de novos sentidos para o termo currículo, sempre remetendo a sentidos prévios para de alguma forma negá-los ou reconfigurá-los [...]" (p. 20).

Figura 8 - Man in a Boat (2002) – Ron Mueck



Fonte: <http://papoentremulheresbrasil.blogspot.com.br/2014/05/arte-e-cultura-exposicao-de-ron-mueck.html>.

O homem na boia inflável nos desafia e reconfigura uma posição (FIGURA 8). Em linha vertical, descansa na parede do museu como se nos questionasse, de sua posição "crucifixo": isso é possível? Em trajes de banho, calção floreado, óculos de sol, corpo despreocupado em uma boia azulada, alude ao lugar que sonhamos em estar: luz ambiente que lembra um sol gostoso e acalentador no rosto – com destaque para a corrente no pulso, que paira misteriosamente (impossivelmente?) no ar.

Escultura que nos remete a um "currículo das delícias", um lugar que parece não ser possível articular com a produção discursiva curricular. E talvez seja exatamente desses dois diferentes lugares que devemos nos colocar: à deriva, sobre o bote; de cima da boia, singrando as águas em horizontal e vertical: um currículo-fluxo, que margeia em todas as direções, que leva consigo o desconfiado e o descansado, que nos atormenta e nos delicia, que mobiliza à frente e abaixo, à margem e ao meio.

E por fim... ao escultural!

As esculturas pelas quais percorremos nos levam a pensar. Pensar o currículo, aqui desenhado a partir de suas teorias e de teóricos que por ele enveredaram seus pensamentos. Currículo que sangra, que respira, que dorme, que se enverga, pesado das labutas diárias do cotidiano (não apenas) escolar. Vai sendo moldado à mão, de forma artesanal, meticulosa, ganha requintes de obra de arte. Escultural como somente o ser humano pode ser, seja em seu pensamento mais formal, seja em seu fazer mais artístico – ou, quem sabe, em seu pensamento

mais artístico ou em seu fazer mais formal. O importante é entender, aqui, que a participação do sujeito que este currículo busca (de)formar é fundamental – tal como a presença e a participação do espectador na exposição das obras de Ron Mueck, intensificando a luminosidade e o brilho no olhar que atravessa as esculturas.

Partir de uma peça única, inteiriça (ao relacionar com a integralidade e singularidade do sujeito), oca (nunca no sentido de uma tela em branco, mas na pressuposição de que há, nesse sujeito, muito espaço para produzir efeitos) e em outras dimensões (imensas ou minúsculas, mas sempre diferentes do que nos acostumamos a ver), como propõe Mueck, é partilhar com as pessoas as suas obras. Como nos sugeria Saramago, é apostar naquilo de "mais alto" que podemos nos elevar. É produzir encontros entre os sujeitos que compõem as instituições e os currículos. Que estes, afinal, possam eles mesmos se tornarem esculturais, pois produzidos no e com o ser humano – embalados com as mãos sempre sensíveis da arte.

Referências

CARVALHAL, Tania Franco (Org). **Saramago na Universidade**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. **Teorias de Currículo**. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTÍ, Silas. Saiba por que obras de Ron Mueck têm semelhança com gente de verdade. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 19/11/2014. Folha Ilustrada. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/11/1549910-saiba-por-que-obras-de-ron-mueck-tem-semelhanca-com-gente-de-verdade.shtml>. Acesso em: 14 nov. 2015.

PALAMIDESSI, Mariano Ismael. Curriculum, disciplina y objetividad: Heydegger y las consecuencias del giro linguístico. **Educação & Realidade**, v. 32, n. 2, p. 27041, jul./dez. 1998.

PAZ, Tais Raquel da Silva; DIEHL, Viviane. O corpo nas artes visuais contemporânea e a formação docente em educação especial: experiências de deslocamento nas práticas do ver. **Visão Global**, Joaçaba, v. 14, n. 1, p. 55-72, jan./jun., 2011.

SCHÉRER, René. **Infantis:** Charles Fourier e a infância para além das crianças. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

STORR, Robert. Notas sobre Ron Mueck, Londres e Paris. In: **Ron Mueck – catálogo**. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2014. p. 19-27.

VASCONCELLOS, Jorge. A filosofia e seus intercessores: Deleuze e a não-filosofia. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1217-1227, set./dez. 2005.

VIDIGAL, Roberto. A exibição. In: **Ron Mueck – catálogo**. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2014. p. 10-11.